

Doação pela internet deve ser a novidade de 2010

Caio Junqueira

De São Paulo

A arrecadação de recursos financeiros para as campanhas eleitorais via internet pode acabar sendo a grande novidade concreta das eleições de 2010.

Esse é pelo menos um ponto em que Luiz González, provável marqueteiro político de Serra, e Ben Self, sócio da agência responsável pela campanha online de Barack Obama, concordam. Eles estarão juntos no 1º Seminário Internacional de Comunicação e Marketing nesta semana em São Paulo.

“Com a reforma eleitoral aprovada pelo Congresso, isso vai ser possível”, afirma González, que, porém, faz uma ressalva. “Ainda não se sabe em que termos isso poderá ser feito. Depende da instrução a ser baixada pelo TSE. Como é o formulário eletrônico e quais as outras condições? Pode doar por cartão de crédito? Pode doar por internet banking? Pode doar por SMS? Não se sabe”.

Para ele, outra questão a ser esclarecida é a fiscalização. “Como vai ser a fiscalização das doações e dos doadores? Isso é importante, porque a lei estabelece os parâmetros para a doação que, entre outras coisas, têm relação com a renda da pessoa física e

com a receita líquida das pessoas jurídicas. Presumo que o TSE terá de pensar em meios para fiscalizar a licitude e a veracidade das doações eletrônicas para inibir a ação de ‘aloprados”.

Self, por email, afirmou ao Valor que a arrecadação online é uma das características mais benéficas para uma eleição. “A internet pode ser o apoio de muitos aspectos diferentes da campanha. Pode executar ações de real significado político para a campanha, inclusive conversando com os eleitores indecisos ou doando dinheiro para a campanha”. Ele complementa: “Uma boa campanha online amplia a paixão por um candidato ou uma situação política, e faz com que os usuários da internet possam transformar essa paixão em movimento”, disse.

González acredita que a internet é uma ferramenta importante, mas que não será a principal em 2010. E coloca o fator orçamentário como determinante para isso.

“Uma campanha eleitoral, ainda mais uma campanha presidencial num país das dimensões do Brasil, é uma operação gigantesca, complexa e cara. É o mundo real, onde cada ação custa — em tempo, em dinheiro e em comprometimento de recursos de organização. Precisa valer a pena. Então, quem

tem a atribuição de gerenciar essa operação — e não estou falando em termos políticos e sim em termos logísticos — tem que fazer escolhas o tempo todo.”

Ele cita como exemplo, além da internet, a utilização de celulares na campanha. “O segundo veículo em alcance e abrangência, hoje, no Brasil, é o telefone celular. São 130 milhões de terminais ativos. Todo mundo tem. De todas as classes de renda. Em todas as faixas etárias e graus de instrução. Seria ótimo usar essa base de celulares para fazer campanha eleitoral. Em tese, a lei permite. Tem um problema com a permissão que o usuário tem de dar pra receber o SMS etc. Mas a questão central é custo. Se um SMS custar R\$ 0,10, serão R\$ 13 milhões para mandar para cada um”.

Self acha que dá para gastar pouco com as novas mídias e ter um alto retorno. “A construção de um novo componente de mídia para uma campanha não está relacionada a gastar menos dinheiro ou cortar outros programas, algo que nós raramente recomendamos fazer. O que sugerimos é considerar a internet como um outro método para espalhar a sua mensagem, recrutar voluntários e ativá-los para que eles possam ajudá-lo a ganhar a eleição.”

O Brasil corre o risco de avançar mais rapidamente nas contribuições dos eleitores pela internet do que na prestação de contas do que fazem os governantes com os impostos pagos pelos cidadãos. “Se as instituições não estão desenhadas para gerar informações necessárias para as pessoas avaliarem seus programas, para ouvir a opinião das pessoas em alguma mudança na política, não adianta você ter governo interativo, não será efetivo”, diz Fernando Guarnieri, um dos cientistas políticos ouvidos pela última edição do boletim Cebrap/Fundap.

As dificuldades de governos e campanhas, como a assimetria de acesso da população, assemelham-se. “Você quer mais participação, mas sabe que nem todo mundo vai participar e que boa parte da população é induzida”, diz o professor da USP, Fernando Limongi.

É com foco na prestação de serviços, diz o cientista político, que os governos devem aperfeiçoar suas ferramentas de participação interativa da sociedade: “Em um processo de comunicação não tão formalizado, abrem-se possibilidades de favorecimento de grupos. Se for uma comunicação por celular, só quem tem celular vai participar”.

O GLOBO

Serra critica governo por falta de investimento

• SÃO PAULO. Às vésperas da viagem do presidente Lula e da ministra Dilma Rousseff à região do Vale do Rio São Francisco, o governador José Serra (PSDB) visitou a região neste final de semana e criticou a falta de investimentos do governo em projetos de irrigação, o que, segundo ele, tem inviabilizado assentamentos do Incra na região do semi-árido brasileiro. O governa-

dor questionou a eficácia da reforma agrária.

Em mensagens postadas no Twitter, Serra explicou ontem que visitou um assentamento do Incra em Petrolina no sábado e constatou que as 600 famílias lá assentadas não tinham água para beber nem para plantar suas lavouras de subsistência.

— (As famílias) Têm de traba-

lhar fora ou se conformar com o Bolsa Família — disse Serra no Twitter, onde tem 112 mil seguidores. — Infelizmente, há anos não se investe mais em irrigação no semi-árido. Grandes obras pararam. Pena. Cada hectare irrigado gera três empregos — disse o governador tucano, pré-candidato do PSDB à Presidência da República. ■

VALOR

Serra fala para fiéis

Em discurso para mais de 40 mil fiéis que lotaram a Basílica de Aparecida, ontem, o governador de São Paulo, José Serra (PSDB), pediu que os governantes sejam “íntegros e sirvam ao povo, em vez de se servirem do povo”. Serra foi apresentado pelo arcebispo Dom Geraldo Magela Agnelo, da Bahia, que oficiou a principal missa na Basílica de Nossa Senhora, em Aparecida do Norte, informou a Agência Globo. Sábado, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, assistiu, em Belém do Pará, a procissão do Círio de Nazaré.